



FORMULÁRIO PARA RELATÓRIO FINAL

1. Identificação do Projeto

Título do Projeto PIBIC/PAIC

FESTEJOS NO PARQUE RIACHUELO I: RESGATE DE ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS

Orientador

Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

Aluno

Kamila Bezerra de Araújo

2. Informações de Acesso ao Documento

2.1 Este documento é confidencial?

SIM

NÃO

2.2 Este trabalho ocasionará registro de patente?

SIM

NÃO

2.3 Este trabalho pode ser liberado para reprodução?

SIM

NÃO

3. Em caso de liberação parcial, quais dados podem ser liberados? Especifique.

RESUMO

A vida na comunidade está cercada de relações interpessoais, por meio das redes e fortalecimento comunitário. Essa colaboração pode se desenvolver de diversas formas, inclusive em manifestações artístico-culturais. Deste modo, esta pesquisa qualitativa de caráter exploratório-descritivo propôs como objetivo geral levantar quais festejos e/ou manifestações artístico-culturais já aconteceram na comunidade Parque Riachuelo I (situada no Tarumã, zona oeste de Manaus/AM) e seu significado



UFAM

para os moradores. E como objetivos específicos: realizar o levantamento de quais festejos e/ou manifestações artístico-culturais já foram organizados pela comunidade; levantar registros fotográficos ou imaginação de cena marcante desses festejos; e investigar quais os significados que os moradores da comunidade atribuem a essas manifestações culturais. Isto posto, foram feitas 6 entrevistas semiestruturadas com os moradores que participaram ou organizaram festejos, e ainda observação com registro em diário de campo. Nas entrevistas, os moradores lembraram de oito festejos marcantes: arraial da comunidade, festa do dia das crianças, festa do dia das mães, festa da igreja, festa do aniversário da comunidade, festa de páscoa, festa do dia dos pais e festa de natal. A partir destas lembranças relatam como são organizados os festejos por meio da mobilização comunitária; quais os significados destes festejos para a comunidade, dos quais foram destacadas questões sobre engajamento, motivação e lutas políticas; quais são as dificuldades nos festejos; e qual a importância dos festejos para comunidade. Revelou-se, principalmente, a grande influência dos festejos para a união e fortalecimento dos laços comunitários, sendo este o significado e a importância da realização dos festejos para a comunidade.

Palavras-chave: manifestações artístico-culturais; festejo; comunidade; fortalecimento comunitário; relações comunitárias; participação comunitária.

4. Introdução

Na vida em sociedade nos relacionarmos com outros indivíduos desde tenra idade, seja em nossas famílias ou em outros ambientes, como escola ou trabalho. O contexto de comunidade também surge dentro dessa possibilidade de socialização.

Para Bauman (2003), na pós-modernidade parece que temos a necessidade de uma vida em comunidade que se aproxima de relações ideais, sem atritos ou problemas, onde todas as relações são harmoniosas. Haveria uma busca de vida em comunidade pelo amparo e conforto que esta propicia, em contrapartida aos efeitos do sistema em que vivemos, pautado numa lógica individualista da sociedade. No mesmo sentido, Câmara (2008) reflete sobre as possibilidades de construção comunitária onde questionamos nosso desejo por encontrar um lugar no mundo através do respaldo de um grupo e poder nos sentir parte dele.

Dentro dessa construção comunitária, onde o ser humano busca se sentir parte de algo, um dos aspectos de solidificação das relações se dá dentro do fortalecimento de laços em uma comunidade. Uma dessas possibilidades é o fortalecimento comunitário, que Montero (2003) define



como o processo em que os membros de uma comunidade atuam de modo consciente, crítico e comprometido no desenvolvimento de capacidades e recursos para controlar sua situação de vida, transformando seu entorno e a si mesmo. Sendo assim, o fortalecimento comunitário se mostra um processo constituído na experiência grupal e dentro de um contexto sócio histórico, sem se desvincular de uma experiência individual e psicológica das pessoas envolvidas.

Este fortalecimento se realiza em ações conjuntas e solidárias, onde os membros de uma comunidade compartilham objetivos e expectativas, enfrentando os mesmos problemas e buscando soluções para estes. Essa colaboração mútua pode se dar de diversas formas, inclusive em movimentos artístico-culturais. Nesse sentido, o interesse imediato desta pesquisa é levantar quais as festas comunitárias que já aconteceram na comunidade Parque Riachuelo I, zona Oeste de Manaus/AM, a fim de examinar como estes acontecimentos tiveram influência no fortalecimento comunitário. Localizada no Tarumã, zona oeste de Manaus/AM, possui cerca de 600 habitantes e assim como outras comunidades em zonas periféricas, sofre com a falta de infraestrutura básica (CALEGARE et al., 2015). Além disso, em função desta ser fruto de ocupação, uma parte das famílias é de baixa renda e sofre com a falta de acesso a serviços básicos, de ocupação profissional e com exposição à violência.

Na ida a campo, verificou-se a falta de infraestrutura básica, assim como a falta de serviços básicos de saúde e lazer. Nas primeiras impressões sobre as construções, é possível identificar certas discrepâncias, já que algumas moradias são amplas, com terrenos extensos, e outras são de pequeno porte com terrenos menores, que demonstram um menor poder aquisitivo.

Deste modo, denota-se o modo como a comunidade distingue-se pelos moradores ali presentes e pela condição socioeconômica de cada família.

Com base nesses apontamentos, a comunidade apresenta sua história cercada por grileiros e lutas sobre terras, no que implica diretamente a lutas políticas e interesses divergentes entre os moradores. Assim, é preciso mais do que somente estar no mesmo espaço físico para que ocorra o fortalecimento de laços comunitários. Mostra-se necessário outro viés para a união desses moradores, o qual nesta pesquisa caracteriza-se pelas manifestações artístico-culturais.

5. Justificativa

Diante desse cenário, um dos aspectos de relevância deste projeto é fazer o resgate de como aconteceu o fortalecimento dos laços comunitários dos moradores, por meio de manifestações artístico-culturais que tenham ocorrido na referida comunidade. Com isso, recupera-se o processo de mobilização e organização dessas festas e festejos, a movimentação gerada na comunidade e



como isso tudo repercutiu nas relações comunitárias. Portanto, trata-se de um trabalho de recuperação da memória histórica e das potencialidades da comunidade, nos termos de Martin-Baró (2011).

Em relação aos participantes, a pesquisa se mostra relevante por apresentar-se não só como uma proposta de fortalecimento da participação social, mas também de compreensão das pessoas a respeito de como é a vida na comunidade. Pode-se, assim, promover a capacidade de reflexão e ação das pessoas em relação à realidade em que vivem, pelo exame das dificuldades enfrentadas e superação das mesmas (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012).

6. Objetivos

6.1. Objetivos gerais

Tendo como pressuposto o exposto acima, a presente pesquisa tem como objetivo geral levantar quais festejos e/ou manifestações artístico-culturais já aconteceram na comunidade Parque Riachuelo I e seu significado para os moradores.

6.2. Objetivos específicos

No âmbito dos objetivos específicos, a pesquisa propõe:

- a) realizar o levantamento de quais festejos e/ou manifestações artístico-culturais já foram organizados pela comunidade;
- b) investigar quais os significados que os moradores da comunidade atribuem a essas manifestações culturais;
- c) levantar registros fotográficos desses festejos ou imaginação de cena que mais marcou em festejo.

7. Metodologia

A pesquisa se caracterizou como qualitativa de caráter exploratório-descritivo. De acordo com Gil (2008), este tipo de pesquisa se caracteriza por buscar apresentar um novo olhar sobre a problemática estudada. É muito utilizada na área social, pois une ao mesmo tempo os objetivos buscados pela pesquisa exploratória, tal qual o desenvolvimento, a elucidação e transformação de ideias e/ou conceitos, bem como alcançar os objetivos da pesquisa descritiva, onde procura-se descrever características da população ou fenômeno pesquisado.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



- Modelo de entrevista semiestruturada, contendo questões abertas e fechadas, haja vista que, segundo Minayo (2013), possibilita ao pesquisador discorrer sobre o tema em questão sem necessariamente ter de se prender a indagações já formuladas. Deixa-se, assim, a entrevista mais livre, principalmente no que se refere às perguntas abertas, fazendo o interlocutor discorrer com maior naturalidade.

- Observação participante com registro em diário de campo. A observação participante, como trazido por Minayo (2013), é parte essencial no trabalho de campo em pesquisa qualitativa, por colocar o pesquisador em contato direto com os pesquisados e seu espaço social, trazendo para dentro do contexto estudado e ampliando sua visão do mesmo.

A inserção na comunidade deu-se por meio de conversas informais com moradores que já foram liderança da comunidade. Estes contaram um pouco sobre a história do Parque Riachuelo I e nomearam moradores que poderiam contribuir com a pesquisa, tendo em vista que foram protagonistas de alguns festejos para a comunidade.

As conversas informais foram facilitadas, haja vista que os pesquisadores do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário conheciam a comunidade por meio de projetos prévios realizados no local. Sendo assim, alguns dos moradores mostraram habituados às entrevistas. Na ida à campo, uma moradora antiga se prontificou a apresentar a comunidade e seus moradores. A partir daí, foram levantados os seguintes participantes (os nomes a seguir são fictícios):

DADOS LEVANTADOS SOBRE OS PARTICIPANTES	
Maria	Aposentada; 63 anos; moradora há 13 anos.
João	Aposentado; 65 anos; morador há 19 anos.
Ana	Agente aeroportuário; 58 anos; moradora há 16 anos.
Bia	Estudante; 16 anos; moradora há 14 anos.
Luna	Dona de casa; 32 anos; moradora há 14 anos.
Elio	Representante de vendas; 51 anos; morador 15 anos.

Tabela 01 – Dados levantados sobre os participantes
FONTE: Autoria própria.

Desse modo, foram realizadas seis entrevistas com estes moradores e, a partir deste material coletado, foi analisado segundo a proposta de análise de conteúdo de Bardin (1995).



A seguir, de acordo com as orientações para Projetos de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, o relatório apresentará: a) fundamentação teórica, a fim de embasar, com amparo nas ideias de outros autores renomados, aspectos teóricos desta pesquisa; b) os resultados e discussão; no qual exploraremos os dados coletados e sua análise; c) conclusão, onde será exibido uma reflexão sintética do trabalho; d) e o cronograma das atividades.

8. Fundamentação teórica

A palavra comunidade tem sua origem do latim *communitas*. Refere-se a compartilhamento ou comunhão e, para o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (apud OLIVEIRA, 2001), comunidade pode ser definida pelo ato de "viver junto, de modo íntimo, privado e exclusivo", como a família, os grupos de parentescos, a vizinhança, o grupo de amigos e a aldeia.

Contudo, o conceito de comunidade é algo bastante amplo e estudado em diversas áreas. Para a Psicologia Social Comunitária, o conceito tem características próprias e isso pode ser explicado pela forma na qual surgiu a área de estudos.

Sendo assim, esta revisão bibliográfica busca fazer um levantamento de trabalhos realizados na área, junto as diferentes fontes que foram estudadas e consultadas para o desenvolvimento do relatório. De tal forma que serão trabalhados, dentro da perspectiva da Psicologia Comunitária: o conceito de comunidade; uma breve história da Psicologia Social Comunitária, assim como seus temas recorrentes: fortalecimento comunitário e redes comunitárias; e os aspectos artístico-culturais que permeiam a pesquisa

8.1. Levantamento de trabalhos no portal CAPES

O levantamento de trabalhos no portal CAPES permite uma visão ampla das bases de pesquisas e referências mais utilizadas. Mapear as produções científicas é essencial para uma revisão bibliográfica adequada.

Desse modo, por meio dos filtros de "língua portuguesa" e "periódicos revisados por pares", foi feita uma pesquisa no portal para levantar os trabalhos realizados entre os anos de 2010 a 2015, com as seguintes palavras-chave: comunidade+ Psicologia; Psicologia Comunitária; Fortalecimento + Psicologia; Redes comunitárias + Psicologia; e Psicologia + festas.

Os resultados podem ser visualizados no gráfico abaixo:

**Artigos distribuídos nos periódicos de 2010 a 2015
conforme as palavras-chave:**

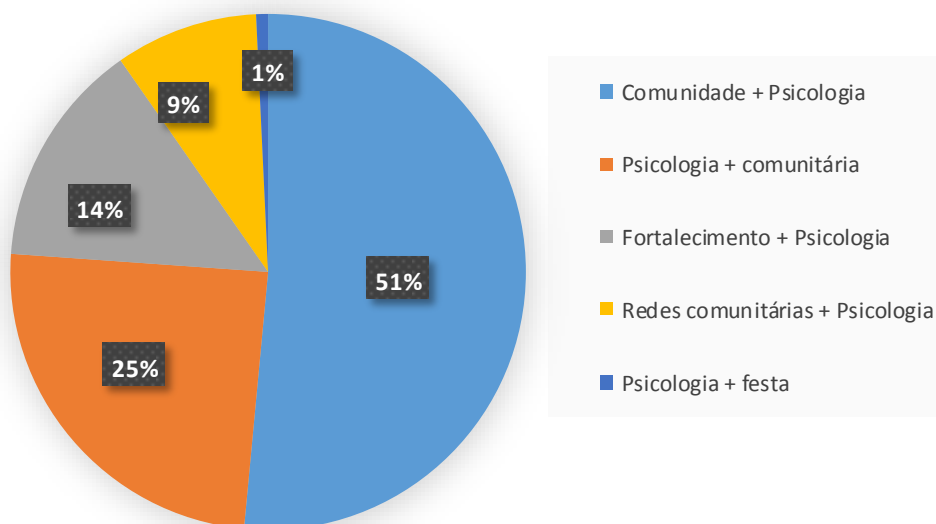


Gráfico 01 – Artigos por palavras-chave entre os anos de 2010 a 2015
FONTE: Portal de periódicos CAPES/MEC, 2015.

Ao analisar os resultados obtidos na pesquisa, podemos identificar uma escassa produção científica no quesito festa e psicologia, o que sugere uma falta de interesse em investigações nesse âmbito.

Contudo, o que vem a ser destacado são as manifestações artístico-culturais como um meio de fortalecimento dos laços na comunidade. Desta forma, torna-se imprescindível o desenvolvimento desta pesquisa, para que seja possível trabalhar outras possibilidades para o melhoramento das relações comunitárias.

Nesse sentido, Sarriera e Saforcada (2010) afirmam que,

A participação da comunidade em atividades políticas, culturais, familiares, de bairro etc., produz mobilização da consciência a respeito de circunstâncias de vida, transmite padrões de comportamentos e novas formas de aprender estas circunstâncias, o que Montero (1996) denomina de ação conscientizadora e socializante (p. 89).

8.2. A comunidade e a Psicologia Social Comunitária

Para entender o conceito de comunidade na perspectiva da Psicologia Social Comunitária é preciso fazer um resgate histórico de seu surgimento.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



De que comunidade estamos falando? Guareschi, no livro *Psicologia Social Comunitária – Da solidariedade à autonomia* (2002), leva-nos a refletir que o significado de comunidade não pode dissociar das relações comunitárias, haja vista que a comunidade somente é definida a partir dessas relações.

Sanchez e Wiesenfeld (apud Gomes, 1999) estabelece alguns critérios significativos para uma melhor definição de comunidade que estejam relacionados com a Psicologia Social, por contemplarem os principais aspectos da interação humana: “Podemos dizer que uma comunidade se caracteriza por: a) ser um grupo de pessoas, não um agregado social, com determinado grau de interação social; b) repartir interesses, sentimentos, crenças, atitudes; c) residir em um território específico; e d) possuir um determinado grau de organização”.

Neste contexto é preciso entender o funcionamento da comunidade. De que modo são estabelecidas essas relações interpessoais? Quais são as problemáticas e necessidades desses grupos? Qual o fazer psicológico para essas comunidades?

Estes questionamentos foram desencadeados nos anos 60 e culminados nas décadas de 70 e 80. Isso porque, começou-se a indagar sobre o papel social das ciências a partir de um movimento amplo de estudiosos acerca do fazer para a comunidade.

As práticas tradicionais da Psicologia caracterizavam-se como etilistas e individualistas. De forma que, não havia um contato com a realidade da população e suas problemáticas. A partir da conjuntura histórica da América Latina é que podemos entender o que se passava na época para fomentar a consolidação da Psicologia Social Comunitária.

A comunidade, desde esse marco, passou a ser vista como uma categoria analítica. Cruz et al. (2010) afirmam que:

Após a Guerra Fria, nos anos de 1950 e 1960, o compromisso social e político dos intelectuais, bem como o papel da universidade na formação de profissionais foram fortemente questionados e exigidos. Neste contexto adquire visibilidade a insatisfação com o fazer psicológico dirigido à maioria da população (p. 76).

Dessa forma, a inquietude e os acontecimentos da época influenciaram o período que possibilitou um novo olhar psicológico para as pessoas na sociedade. A trajetória da abordagem passa, então, por uma série de demandas, uma nova concepção de homem e transformações sociais. Cruz et al.(2010) apontam:

Neste sentido, os referidos autores afirmam que a abordagem teórico-metodológica representada pela Psicologia Social Comunitária, ao longo das últimas décadas, implica em uma espécie de enfrentamento epistemológico com a Psicologia tradicional, cuja postura era a de legitimar a ordem social, servindo de instrumento de dominação (p. 78).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



Somente a partir desse novo olhar é que podemos compreender as relações comunitárias, de modo comprometido com a realidade da população e buscando relações mais igualitárias. Neste sentido, Heller (1984) enfatiza que,

Não há dúvidas de que a introdução desse conceito [comunidade] no corpo teórico da psicologia social constituiu um aspecto epistemológico importante, na medida que representou a opção por uma teoria crítica que interpreta o mundo com a intenção de transformá-lo (p. 289).

Góis (1993) diz que a Psicologia Comunitária é uma área da psicologia social que visa o desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários. Montero (2003), corrobora esse entendimento, afirmando que a Psicologia Comunitária tem como grande objetivo promover mudanças do contexto social em que as pessoas da comunidade estão envolvidas.

Depois de se consolidar, a Psicologia Social Comunitária ganhou muitas conceituações. Como a de Montero (2000, p.79):

A Psicologia Social Comunitária versa sobre as formas específicas de relação entre as pessoas unidas por laços de identidade construídos em relações historicamente estabelecidas, que por sua vez constroem e delimitam um campo: a comunidade.

A partir desse percurso histórico, percebe-se que a Psicologia Social comunitária exige um método baseado no reconhecimento da dinâmica social da comunidade, possibilitando uma articulação e interação da população e do interventor. O processo de intervenção deve ser dialógico para fortalecer as experiências e relações existentes.

Cruz et al. explana, em Introdução à Psicologia Comunitária (2010), que essa articulação da população e dos técnicos potencializa os resultados desejados no trabalho em comunidade, implicando num amadurecimento, esforço e compreensão.

É neste aspecto que as questões sobre manifestações artístico-culturais na comunidade são de extrema importância para a promoção do modelo dialógico e participativo. O papel do psicólogo comunitário deve abarcar essas demandas e utilizar estratégias de intervenção.

Segundo Martín-Baró (1989), cada grupo social tem determinantes históricos. Silvia Lane (1984) diz que:

1) o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere sua inserção na sociedade com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas; 2) o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico, e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal em vez de grupo (p. 81).



Por isso, o psicólogo deve estar atento a todas as características da comunidade e conhecer sua história, de forma que possa atingir uma prática transformadora pelo resgate da memória histórica e social, assim como o fortalecimento comunitário através da conscientização das redes comunitárias.

Sintetizando, o psicólogo na comunidade trabalha fundamentalmente com a linguagem e representações, com relações grupais – vínculo essencial entre o indivíduo e a sociedade- e com as emoções e afetos próprios da subjetividade, para exercer sua ação a nível da consciência, da atividade e da identidade dos indivíduos que irão, algum dia, viver em verdadeira comunidade (LANE apud CAMPOS, 1996, p. 31).

8.3. As redes comunitárias e o fortalecimento comunitário

Se para compreender o conceito de comunidade é necessário entender as relações comunitárias, o mesmo se faz presente para entender as redes comunitárias. Na perspectiva social de Montero (2004), as redes comunitárias são:

Uma trama de relações que mantém o fluxo e refluxo constante de informações e mediações organizadas e estabelecidas em prol de um fim comum: o desenvolvimento, o fortalecimento e alcance de metas específicas de uma comunidade em um contexto particular (p.181).

Nesse aspecto, deve-se envolver as características únicas e contextos próprios de ação que cada comunidade apresenta. Ou seja, somente a partir das relações comunitárias estabelecidas pelas pessoas e a possibilidade de organização destas perante um objetivo em comum é que entendemos o ponto de vista social das redes comunitárias.

Montero (2000) recorda que essas redes comunitárias são de relações interpessoais. Sendo assim, torna-se imprescindível conhecer o contexto de cada comunidade para poder entender como se constrói o fortalecimento dos laços sociais comunitários. Ambos não podem ser dissociados, estão ligados por questões sociais.

As redes comunitárias são geradas pela maneira como é conduzida as atividades da comunidade. Atividades de ação-prática são afirmadores do sentimento de pertencimento.

Câmara (2008) afirma que esse anseio de se sentir parte de algo é um atuante nas possibilidades de construção comunitária, no qual o indivíduo, por meio de sua experiência grupal e individual, consolida o processo de fortalecimento comunitário.

Contudo, o grande problema é o sentimento que Martin-Baró (2011) chama de fatalismo. Em seus estudos e questionamentos, Baró afirma que, por uma história pregressa, a população tende a aceitar, numa espécie de conformismo, acerca do “destino inevitável”. Portanto, faz-se indispensável a presença do contexto sócio histórico na atuação do psicólogo comunitário. A intervenção na realidade deve ser permeada por um processo de conscientização comunitária.



Ao discorrer sobre consciência, Martín-Baró (2001) destaca que,

A consciência não é simplesmente o âmbito privado do saber e sentir subjetivo dos indivíduos, mas sobre aquele âmbito onde cada pessoa encontra o impacto reflexo de seu ser e de seu fazer em sociedade, onde assume e elabora um saber sobre si mesmo e sobre a realidade que lhe permite ser alguém, ter uma identidade pessoal e social (p. 167).

O indivíduo comunitário deve, então, tornar-se ativo. Deve compreender de forma crítica sua própria realidade e conhecer sua história. Por conseguinte, deve se emancipar. Transformar-se em donos de si, quebrando, assim, o fatalismo e a opressão.

Paulo Freire (1979) destaca que o homem não pode participar ativamente na história e na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua capacidade para transformá-la. Consequentemente, aponta que:

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? (PAULO FREIRE, 1979, p. 16)

Essa conscientização histórica é libertadora e corrobora o fortalecimento comunitário, já que proporciona uma maior facilidade na participação para as transformações e soluções de problemas na comunidade. Dessa forma, o “pertencer a algo” provoca a autoconfiança, solidificando o estreitamento de laços comunitários.

8.4. As representações e a memória social

Entende-se por representação social, segundo Jodelet (1985), as modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos.

Nesse âmbito, pode-se afirmar que essas representações contribuem para a construção de uma realidade, haja vista que configuram modos de vida e estabelecem diferentes formas de saberes, os quais ajudam na construção das práticas culturais e das tradições. Lefebvre (1983), em sua teoria, aponta que é, através das representações sociais, que se manifestam as relações simbólicas, os formatos societais, as hierarquias, as posições sociais, e é fortalecido o sentimento de identidade de grupo.

Nesse aspecto, mostra-se interessante pontuar que as representações sociais são originadas socialmente e referem-se a objetos. De acordo com Spink (1993), as representações



(...) são, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (p.66).

Apesar de serem socialmente elaboradas, as representações não se devem a sua origem, e sim a sua possibilidade de ser compartilhada e fortalecida pelo tempo. Diante desse quadro, pode-se associar representação social à memória social. Começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações (BOSI, 2003).

Mas, o que vem a ser a memória social? Para Pollak (1992), a memória social é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Moraes (2000), corrobora o termo considerando que,

Memória exige uma reflexão sobre processos sociais envolvidos, anunciados ou experimentados na manifestação, persistência e transformações da prática social e dos conteúdos culturais expressos por segmentos sociais numa conjuntura (p. 99).

Neste sentido, a memória envolve mais do que lembranças, envolve sentimentos de pertença e identidade, todas baseadas nas relações interpessoais dos grupos. Na concepção de Halbwachs (1990), a construção de laços sociais permanentes, está diretamente ligada à coesão garantida pelos quadros sociais da memória.

Esses conceitos são importantes para a compreensão desta pesquisa, tendo em vista que refletem nos objetivos e no tipo de pesquisa. Fazer o resgate das manifestações artístico-culturais é, na verdade, buscar na memória desses moradores os sentimentos e significados dos acontecimentos e como são representadas.

Portanto, recuperar essa memória histórica dos acontecimentos festivos que reuniram a comunidade em torno de um único objetivo, é destacar o fortalecimento dos laços comunitários e, principalmente, trazer à tona essas relações que representam uma nova configuração de mobilização na comunidade em questão.

8.5. Os movimentos artístico-culturais e a comunidade

Os conceitos abordados nesta revisão bibliográfica são indispensáveis para o entendimento da pesquisa e análise dos dados. Eles possibilitam o processo de conscientização para uma



transformação individual e coletiva. Contudo, não trilham o caminho da transformação sozinhos. Para tal conquista, é preciso uma ferramenta que viabilize o fortalecimento nas redes comunitárias.

Nesta pesquisa, considera-se que esta ferramenta seja o movimento artístico-cultural. Isto porque, as manifestações são formas de socializar, criar vínculos sociais, moldados pelo momento de estar junto, relacionando-se com o outro.

Os movimentos artístico-culturais, como festas/festejos por exemplo, podem ser considerados uma forma de acesso para a mobilização comunitária. Segundo Morigi et al. (2012, p. 187),

(...) as práticas que permeiam os festejos envolvem a construção de representações sociais; evidencia-se um processo de internalização de papéis pelos seus protagonistas que os situa tanto nos lugares que ocupam o cotidiano, como no espaço das festas, interferindo nos processos de suas construções identitárias e nas suas noções de pertencimento.

Leonel (2010) acrescenta que são estas relações sociais específicas, de cada contexto histórico e suas singularidades, que garantem a multiplicidade das manifestações dessa forma de associação, garantindo-lhes os significados mais diversos.

De acordo com esses autores, entende-se que as festas são momentos de afirmação da tradição e que por meio do resgate desses momentos, é possível trazer a expressão de sentimentos. Por conseguinte, abrir os horizontes para a união dos comunitários:

As festas fazem parte da história cultural da humanidade. Embora suas dimensões mudem com o decorrer dos anos, a sua força persiste no sentido da manutenção dos laços identitários entre os sujeitos participantes e as suas comunidades de origem (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 189)

Neste sentido, é possível afirmar que estes movimentos artístico-culturais podem estreitar os vínculos entre os comunitários? Leonel (2010) acredita que sim:

As festas constituem um campo fértil para se pensar a sociedade nas suas continuidades como, também, em seus movimentos de transição, de vaivém, marcados por rupturas. A análise do fenômeno social festivo nos permite o trânsito por territórios da vida coletiva no seu nível mais elementar, ou seja, nas estruturas de formação dos próprios vínculos sociais, pois permite que a sociedade entre em uma relação consigo própria, diferente daquela ordinária, desempenhada em sua rotina. Ao romper com a rotina, a festa mostra-se capaz de, paradoxalmente, produzir o próprio cotidiano e o inédito como atos de produção do próprio vínculo social, num processo dialético de caos e ordem, produtor da própria vida em sociedade (p. 41).

Morigi et al. (2012) também partilham dessa ideia e, corroboram que, a festa possui símbolos de comunicação, de expressão, de experiências humanas, de culturas que precisam ser preservados, pois as representações são elos mediadores da memória cultural da comunidade.



Portanto, enquanto espaços de realidade e de estar junto, as festas/festejos unem esses moradores, a partir dos momentos compartilhados, sentimentos envolvidos, sentido de pertencimento e memória social. Guilherme Leonel (2010) pontua:

A atuação coletiva integrada de tais atores sociais na organização e performance da festa significou e significa, muitas vezes, a possibilidade de protagonismo social e de utilização do espaço público confiscado, seja ao longo da história ou mesmo do ano vigente (p. 54).

Logo, estas manifestações culturais devem ser valorizadas como práticas na comunidade. Elas podem tornar-se um elemento importantíssimo para a possibilidade de atuação, mobilização, articulação e reivindicação de seus direitos na sociedade.

9. Resultados e Discussão

9.1. O festejo segundo os moradores

Para a realização da pesquisa, utilizamos a história oral do qual cada entrevistado escolheu relatar para fazermos o resgate das manifestações artístico-culturais, buscando na memória histórica desses moradores os sentimentos e significados dos festejos.

Dos relatos dos entrevistados, destacamos cinco importantes aspectos, no qual o primeiro aspecto envolve *da lembrança à organização dos festejos*; o segundo levanta questões sobre *engajamento, motivação, lutas políticas* sobre os festejos; o terceiro explora *as dificuldades a respeito dos festejos*; o quarto resgata *a importância dos festejos na comunidade*; e o último traz *os registros fotográficos e a imaginação de cenas marcantes dos festejos*.

9.1.1 Lembrança e organização dos festejos

Em seus relatos, os entrevistados expressaram, na grande maioria, a lembrança de oito festejos na comunidade, como: arraial da comunidade, festa do dia das crianças, festa do dia das mães, festa da igreja, festa do aniversário da comunidade, festa de páscoa, festa do dia dos pais e festa de natal.

Os festejos mais lembrados e descritos amplamente foram em comemoração ao dia das mães, dia das crianças e o arraial da comunidade. Como mencionado por Maria:

Eu me lembro que nós fizemos em 2012... Foi 2012, uma festa do dia das mães que foi muito bonita, nós tivemos ajuda de várias pessoas né, e nós fizemos no dia das mães e foi muito bonito, muito boa. Fora essa nós fizemos o arraial da comunidade que foi em 2012 também. Em 2013 a gente fez a festa das crianças né, e agora esse ano nós fizemos de novo a festa das crianças, foi muito bom. Fizemos também o arraial pra comunidade agora em agosto né, foi esse agosto agora de 2015 (MARIA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



O entrevistado Elio relata que as festas eram:

Muito boas. Faziam cartazes e panfletos e às vezes carro de som. Ofereciam muita coisa. Brindes, música, barracas de roupa usada, alimentos, na parte social tinha, cabeleireiros, advogados, médicos, nutricionista, carteira de identidade, trabalho, dentistas, aferição de pressão arterial e diabete, essas coisas. Eram feito também feijoadas, churrasquinho para auxiliar na regularização da Associação... E também bingo, sorteios... (ELIO).

A moradora Luna cita que:

A primeira festa que teve foi o arraial da... Amigos da comunidade do Parque Riachuelo. Particpei, eu fui na festa e teve dança, teve brincadeira... A festa foi boa, teve várias danças. Eles mesmo fizeram as danças, do boi, fizeram sinhazinha... E coisas típicas da festa junina. Teve a festa do dia das crianças. A gente promoveu e a gente arrecadou brinquedos, vários brinquedos que a gente arrecadou. Ai a gente doou pras crianças né, os brinquedos, roupas, mas eu não lembro assim a data (LUNA).

Estes discursos dos moradores nos levam a compreender que as festas mais lembradas possuem uma característica em específico: oferecem algo atrativo ao morador participante. Dessa forma, inferimos que ao oferecer algo atrativo, esta festa torna-se importante e memorável. Para os moradores entrevistados, os festejos tornam-se bons a partir de arrecadações, de boa alimentação, brindes, música, dança e outras atividades realizadas e oferecidas pelo momento de celebração.

Segundo Bosi (1993), o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado". A festa é uma produção de memória, de identidade no tempo e no espaço social (GUARINELLO, 2001). Neste sentido, podemos inferir que as festas mais lembradas foram escolhidas por meio da construção social sobre o que um festejo necessita para ser lembrado. Ou seja, para os moradores desta comunidade, os festejos mais lembrados são os de grande sucesso, que oferecem algo ao morador e tornam-se bem quistas.

Isto nos revela uma característica da comunidade e de como se organizam para que cada festejo seja atrativo. De forma que os festejos refletem o modo como o grupo social pensa e percebe o local, servindo, ainda, para solidificar os laços sociais e a valorização tais experiências (BEZERRA, 2008).

A festa é uma ação coletiva que implica a concentração de afetos e emoções na reunião de seus participantes (GUARINELLO, 2001). Sendo assim, podemos inferir que estes festejos marcantes abriram, de forma clara, um espaço de celebrar, unir, simbolizar os laços comunitários e serem perpetuados na memória social. Este fenômeno descrito mostra que os festejos podem ser utilizados para selar laços sociais, ou como já descrevemos na fundamentação teórica: fortalecer os laços comunitários e mobilizar a comunidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

De acordo com a entrevistada Ana, a festa promove o encontro de moradores que não se encontram cotidianamente, mas que no festejo tem a possibilidade de reunir:

O das mães [festa] também, foi muito boa, a gente pedia e não saia ninguém sem algo da festa. Todas essas festas.... Foram boas, pra nós, pra comunidade, pra se reunirem né. Às vezes a gente não se vê e aí vem se ver na festa (ANA, 2015).

A comunidade Parque Riachuelo I possui problemas em massa que vão desde infraestrutura até aspectos ligados à falta de opções de lazer. Os moradores não possuem um espaço de lazer em toda a comunidade e quando acontecem eventos sociais são promovidos por outras instituições, por exemplo pela Igreja Católica da comunidade (CALEGARE et al., 2015). Ainda segundo estes autores, existem locais, como balneários, porém não estão à disposição e à serviço da comunidade, pois são alugados para eventos particulares.

Os festejos tornam-se uma ferramenta estratégica para que haja um encontro comemorativo e de lazer para estes moradores, que não possuem um espaço físico para isso. Estas manifestações artístico-culturais instigam encontro e diálogo cheio de significados, de forma que cada morador tem a possibilidade de exercer uma função importante na união, mobilização e representação de sua comunidade. As representações sociais são construídas pela conduta humana, pela transmissão de histórias construídas e perpetuadas através da ideia de que cada um é um agente transformador capaz de modificar e ser, ao mesmo tempo, afetado pela mudança que causou (CAMPOS, 1996).

Os festejos mais lembrados mostraram outra característica em comum: os organizadores. Em seus discursos, os moradores levantaram alguns organizadores que sempre estão protagonizando, dando ideias, preparando e também cedendo espaços físicos para que ocorram os eventos sociais. Dos organizadores mencionados, os mais lembrados foram: Maria, Ana, João e Carlos.

A moradora Ana citou que,

Já organizei [festejo], vish, mas junto com o Carlos, filho do João. Foi dia das mães, nós fizemos uma lá, mas foi uma só, foi muito boa. Eu, dona Maria e ele, nós organizamos tudo (ANA).

Da mesma forma, a entrevistada Luna relatou que,

Foi os filhos do seu João, porque os amigos do Riachuelo eram os filhos do seu João que fazia o arraial e convidavam a toda comunidade a participar. Já, teve o dia das mães, foi um café da manhã, se juntamos atrás de brinde, pedindo das pessoas doações pro café da manhã. E vocês que organizaram? Foi, a gente [Luna e Maria] que organizou (LUNA).

De acordo com a pesquisa de Calegare et al. (2015), a comunidade Parque Riachuelo possui uma variedade de atores sociais que são importantes para o fortalecimento da rede comunitária. A partir destes discursos, podemos inferir que estes moradores são atores sociais, que se mobilizam e fazem acontecer estes festejos para o lazer da comunidade.



Segundo os entrevistados, a organização dos festejos partiu do desejo de certos moradores, porém somente com a união foi possível existir o festejo e toda sua estrutura. Isto caracteriza o desenvolvimento de uma atividade comunitária. De acordo com Góis (2005, apud MOURA et al., 2013) esta atividade é uma manifestação de uma ação coletiva dos comunitários com um único objetivo em comum – que neste caso é o festejo.

Ainda de acordo com as narrativas dos entrevistados, podemos entender o modo como estes atores sociais se organizam. Quando questionados sobre o que fizeram em cada festejo, o morador João, destacado como ator social e mobilizador dos festejos, relatou a dinâmica que é estabelecida para o desenvolvimento das atividades em cada festa que organizou.

A gente montava barraca e vendia as comida. A mulher fazia, pessoal da minha família trazia, e ai vendia tudo. Vinha muita gente, sempre deu muita gente. Ai alugava mesa e fazia a festa. A gente já chamou carro de som e tudo. No arraial de 2015, o que o senhor fez? Eu fui chamar o pessoal né. Eu chamo assim de boca a boca, que nem dos outros. Vou de bicicleta por ai, converso com os conhecido e chamo. Ah, então quer dizer que o senhor que fazia o convite pros arraiais indo chamar o pessoal de bicicleta? Eu mesmo (JOÃO).

A moradora Luna informou que as principais atividades de organização dos festejos incluíam: pedir ajuda e doação aos moradores.

Geralmente, faz uma relação de que vai fazer e convida os moradores. Ai cada qual doa alguma coisa... Bolo, mingau e os coordenadores pegam aquelas coisas pra vender e eles ficam coordenando, botando dança, inventando bingo e é assim que procede a festa (LUNA).

O protagonismo destes moradores instiga aos comunitários a organização em redes de produção. Nas entrevistas podemos verificar que os métodos utilizados para que os festejos fossem atrativos e bem quistos foram: ter moradores na organização/coordenação do festejo, ter ajuda de moradores com alimentos, ter moradores que fizessem a divulgação e convite do festejo para a comunidade, ter manifestações artísticas como boi e sinhazinha no festejo e ter a decoração do festejo.

Dessa forma, o discurso de Maria exemplifica como fez para que existissem estas categorias de mobilização no acontecimento do festejo:

Eu cheguei com a dona Ana e falei: “Dona Ana, como nós que programamos isso, vamos programar, porque nós já falamos que na festa do... No arraial, a gente já programou o dia das crianças, então foi “a senhora vai dar isso, a senhora vai dar isso” e foi isso que a gente fez (MARIA).

A existência destes atores sociais nos remete a uma íntima relação com as questões de fortalecimento de identidade comunitária, haja vista que a participação e o engajamento que estes moradores mostram são peças fundamentais para uma mobilização dos comunitários acerca de outras demandas. De acordo com Moura et al. (2013), o festejo traz à possibilidade de um



aprofundamento de consciência e de relações afetivas, de forma que desvela a realidade e repercute um movimento de fortalecimento e libertação para esta população.

Outra característica importante a ser destacada é a influência familiar. Maria é mãe de Luna e avó de Bia. Todas estão presentes nas organizações dos festejos lembrados, assim como Carlos é filho de João que também são protagonistas da promoção dos festejos. No contexto do desenvolvimento humano, a família tem um papel imprescindível e uma forte influência no comportamento dos indivíduos e suas relações sociais (DESSEN; POLONIA, 2007).

9.1.2 O significado dos festejos

Ao questionar sobre o significado dos festejos para os moradores entrevistados, obtivemos narrativas imensuráveis sobre a dinâmica desta comunidade. Dentre os discursos, verificamos cinco temas em comum: a união comunitária, engajamento, motivação, lazer e lutas políticas.

A respeito da união comunitária, percebemos em todos os discursos o desejo destes moradores de unir a comunidade e celebrar. Ou seja, utilizar-se do viés artístico-cultural para a união e encontro destes moradores. Assim foi mencionado por Maria (2015):

O que eu sinto, eu sinto assim que a gente deveria fazer uma programação, umas três vezes durante o ano, por que? Porque a comunidade ela fica muito separada, então com essas programação a gente chama a comunidade, se comunica com a comunidade e se une muito mais com a comunidade. Então, na minha visão... Se a gente une mais brincadeira, sem ser dia das mães, dia das criança, mas fazer um torneio, fazer outras coisas. Porque isso chama mais a comunidade um pra perto do outro, então é essa minha opinião (MARIA, 2015).

Podemos inferir que esta desunião dos moradores está intrinsecamente ligada ao histórico da comunidade, visto na introdução sobre a caracterização e histórico da comunidade. Este fator contribui para diversas situações de desesperança e desunião, de modo que o resgate destas atividades artístico-culturais enaltece os pontos fortes das relações entre os moradores. Nesse sentido, Bezerra (2008) aponta que as festas são utilizadas para afirmar a coesão dos habitantes e ainda para construir e (re) significar a identidade dos comunitários oprimidos pela história.

A moradora Maria reforça o significado dos festejos com a seguinte colocação:

O que significou foi assim... Eles tão vendo a necessidade de a gente fazer alguma coisa pra essas crianças né. Porque as nossas crianças aqui são muito abandonadas, nós temos uma escola de pré, não é nem uma escola, é uma creche e os nosso... Nossas crianças saem daqui pra estudar em outros colégio, eles não... Nos colégio não tem uma quadra, não tem nada que eles possam brincar, e nesse dia eles vieram pra cá e brincaram né. Brincaram de bola, brincaram de corrida com colher na boca com ovo, então eles se sentiram “feliz”, então assim... Então eu sinto que os moradores, esses que nos ajudou, eles ficaram muito satisfeito com o que eles viram, porque eles sentiram que as crianças tavam “feliz” (MARIA).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

Neste ponto destacamos novamente a ausência de espaços de lazer para as crianças e moradores, além de estruturas físicas como escolas, postos de saúde e outras instituições necessárias para um ambiente digno de convivência. As festas traduzem as experiências e imagens da sociedade (BEZERRA, 2008), de modo que Maria aponta os sentimentos que surgem e de experiências que somente foram conquistadas por meio do festejo transformador na vida destes moradores.

De acordo com Ximenes e Júnior (2010), a comunidade permite a construção de relações entre os moradores, onde perpassam sentimentos de pertença, vínculos afetivos e problematizações sobre a realidade. É neste aspecto que quando questionados sobre o significado dos festejos, os moradores refletem e exploram sobre os dilemas e as conquistas.

A moradora Bia destaca que “foi muito bom tá ali vendo tudo, não tem nem palavras... Ai, foi assim uma alegria pra mim né. Tá lá, ajudando... Vê todo mundo ajudando, um ajudando o outro”. Traduzimos que a organização dos festejos e o momento de estar junto, gerou um sentimento agradável nestes moradores e revelou-se como um alicerce para vínculos afetivos e mobilização comunitária.

Igualmente, esta mobilização para a organização dos festejos não aconteceria se não houvesse o engajamento comunitário. Como mencionado por Luna:

É muito bom né, porque a gente vê que tem união das pessoas aqui, todo mundo participando, mesmo que seja só um simples bolo, um simples café da manhã, mas todo mundo interagiu, todo mundo participou. Mesmo que fosse só uma simples coisa, mas foi de coração que todos eles se reuniram pra fazer aquilo. Foi muito legal, muito gratificante.

Acerca deste discurso, podemos inferir que o engajamento dos comunitários nas atividades são cruciais para a motivação dos organizadores. A festa reúne sentimentos, angústia e alegria, prazer e dor, impõe a participação e o estar-junto, ou seja, constitui uma forma de sociabilidade (LEONEL, 2010).

Conforme o morador João, o significado dos festejos é simples: “É bom tá nas festas, tá todo mundo junto, né. A gente se vê e se conversa, festeja, tem dança, comida boa, som alto”. Ou seja, o momento de estar-junto transforma a comunidade, de forma que potencializa os sentimentos de pertença, em detrimento aos pensamentos pessimistas e de desesperança a respeito das problemáticas do contexto.

No que se refere ao sentimento de pertença e apego, percebemos que isto precisa ser instigado por meio do festejo, haja vista que os moradores verbalizaram uma dificuldade de identificação com o local e com os novos moradores. Como podemos observar no comentário de Maria: “A comunidade se dividiu, como ele foi o presidente a comunidade se dividiu, né. Então a gente chama isso aqui de duas áreas, uma área pra lá e outra pra cá”.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

O sentimento de desesperança e desmotivação acerca da situação dos terrenos, da infraestrutura e saúde são recorrentes nos discursos dos moradores. Além disso, mostram desconfiança quanto aos representantes da associação da comunidade, o que gera uma desunião dos comunitários para uma mobilização, participação e engajamento a outras demandas da comunidade, como por exemplo as reivindicações por melhor infraestrutura e a representatividade de instituições. Dessa forma, este clima de desconfiança quebra os vínculos de solidariedade e gera conflitos e intrigas (GRANDESSO; BARRETO, 2010).

As lutas políticas são outros aspectos importantes a respeito que os moradores atribuem aos festejos. O morador Elio relata que o festejo “significou contribuir. Buscar dar minha contribuição para a união das pessoas e melhorias do nosso bairro”. Segundo Ana, as festas possuem um significado velado e sua participação na organização dos festejos são formas de contribuir para o desenvolvimento da comunidade:

É assim que eu contribuo, é até o caso da urbanização, fato que a gente já lutou muito com a dona Maria atrás, mas só pega não, não e não. Aquela rua lá que baixo que foi asfaltada foi nós, foi por causa da nossa insistência... De nós duas. No pé o tempo todo. Era muito feio pra banda ali do rumo do seu Chico era só lama... E aí a festa vem pra ser muito boa, pra comemorar (ANA, 2015).

A pesquisa de Calegare et al. (2015) afirma que a comunidade Parque Riachuelo I encontra-se em condições precárias: falta escola, área de lazer, linha de ônibus interna, segurança e a situação de muitos moradores é de vulnerabilidade socioambiental. De modo que estas lutas políticas lembradas nas entrevistas são essenciais para os avanços na comunidade. Assim, o processo de libertação é imprescindível para que esta comunidade transforme este contexto opressor.

Conforme Martin-Baró (1998, apud MOURA et al., 2013) a realidade situa o povo em posições de inferioridade e conformismo que enfraquecem o potencial transformador de cada indivíduo. Neste aspecto, o festejo como forma de arte, tem se mostrado como um aliado fundamental para a libertação e conscientização destes comunitários. A arte é forjada na dinâmica popular e é de extrema importância para surgir a educação e suas formas de conscientização, de modo que expressa livremente o ser como potência de ideias e ideais (CRUZ et al., 2010).

De acordo com Calegare et al (2015), poucos são os moradores que participam das mobilizações, tanto pela falta de comunicação, quanto pelo desinteresse nas questões que tangem o bem-estar da comunidade Parque Riachuelo I. Contudo, ao resgatar os sentimentos e significados dos festejos nesta pesquisa, estamos diante de uma mobilização diferente e tímida, porém promissora e que pode ser trabalhada em futuros projetos de intervenção em psicologia comunitária.



9.1.3 As dificuldades a respeito da organização dos festejos

Os entrevistados mencionaram diferentes dificuldades quanto à organização dos festejos, sendo mesclados as respostas. Alguns, como o entrevistado Elio, acreditam não ter nenhuma dificuldade na organização. Contudo, o morador João especificou que: “uma vez que faltou luz no meio da festa. E o pessoal do som ficou tudo ai, mas mesmo assim continuamos a festa. E ficamos ai”. Maria menciona que a dificuldade de conseguir apoio com as redes para patrocínio das festas:

Muita, “vish”, muita dificuldade. Assim porque geralmente a gente pede dos políticos né, e pede também assim dos supermercados, dessas coisas. Dos supermercados até que a gente teve êxito, mas de muitos políticos a gente não teve êxito (MARIA).

Assim como Bia aponta as dificuldades de convidar a todos:

Teve dificuldade do dia das mães que era pra ser um café da manhã, só que ninguém apareceu. Tava marcado pra nove horas ai a gente chegou lá e não tinha ninguém, só o pessoal do seu João mesmo, porque era pra ser lá né. E por que você acha que aconteceu isso? Acho que porque não avisaram muito as pessoas. Então, teve essa dificuldade de avisar o pessoal e fazer o convite. Foi. Ai não teve, ficou só a gente (BIA).

Ana reflete sobre as dificuldades dos novos moradores participarem das festas:

Uns só põe banca e não sabe o que nós já passamos. Então tem essa dificuldade? Até quando vocês vão chamar pras festas, de boca a boca, eles não querem saber? Tem... Às vezes eles vão, participam, mas uns não, nem querem saber (ANA).

A compreensão das narrativas destes atores sociais é fundamental, haja vista que estas complicações e dificuldades expostas sobre a organização de um festejo são reflexos de outras problemáticas da comunidade, como os laços de solidariedade comunitária enfraquecidos pela desesperança e desconfiança já vistos nos tópicos anteriores. Novamente entramos na esfera: engajamento e participação dos comunitários, reforçando que pelo histórico de opressão e abandono dos moradores, torna-se necessário outro viés para a mobilização. Contudo, este é um processo demorado, devendo ser investigado afundo outras características marcantes da comunidade e ainda a inserção de um psicólogo comunitário e redes de apoio para que a intervenção psicossocial aconteça de forma ética e precisa.

9.1.4 A importância dos festejos na comunidade

Nesta discussão de resultados, podemos observar que os festejos estão levantando aspectos sobre sentimento de pertença, união e criticidade. Quando questionados sobre a importância deles na comunidade, os moradores foram emotivos e explanaram os seguintes pontos: importância de união dos moradores, de lazer e de notoriedade para os que estão em condições de miserabilidade na comunidade. Como mencionado por Maria:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



Porque assim, pra mim a importância dessas festas é que nesse momento elas se encontram “feliz” né, porque como são umas mulheres carente e a dificuldade é grande né, então elas se retrai um pouco. E nessas nossas festas que a gente faz, a gente sente a alegria delas, que elas foram lembradas, né. Então é uma satisfação muito grande, unir essas mães, dá felicidade (MARIA).

Esta moradora enfatiza que festejos como a comemoração do dia das mães abrangem não tão somente o prazer de celebrar, mas também a notoriedade que estas mães abandonadas por um contexto opressor sentem ao serem lembradas e homenageadas. O sentimento de abandono e orfandade está marcado em diversas populações, levando estes indivíduos a construir os mecanismos de sobrevivência, ignorando outros questionamentos e se contentando com o aqui e o agora (GRANDESSO; BARRETO, 2010).

Dessa forma, o que trazemos neste resgate das manifestações artístico-culturais é uma tentativa de desvendar como isto pode agregar aos comunitários e seus processos de libertação. Isto porque, de acordo com Grandesso e Barreto (2010), a cultura tem função de agregar, unir, alimentar e fortalecer os vínculos entre as pessoas e conferir pertença.

O entrevistado Elio destaca que a festa possui a “importância de trabalhar em equipe, com o objetivo maior de união das pessoas, unir formas de pensar para um só objetivo”. A moradora Bia também pontua que:

A importância foi de conhecer os novos moradores né. Porque ninguém se conhecia mais direito. Porque agora tem muita gente nova no bairro e nesse dia deu pra conhecer bastante pessoas. E ai chegava na hora e falava “Olha, esse aqui é fulano”. E foi assim bem legal pra unir mais a comunidade. E quanto mais tem essas festas, une mais assim. Acho que pra animar o pessoal, porque aqui é muito parado, o pessoal não se envolve bem. Acho bem legal assim fazer as festas por isso. Sobre as crianças é importante pra eles saberem que eles são lembrados pela comunidade e que a gente tá sempre ali querendo o bem deles, ajudar no que for preciso (BIA).

Segundo Amaral (1998, apud BUENO, 2008) a festa abrange cidadania e desperta consciência de comunidade, sendo tendo uma importância cultural, como modelo de ação e como um produto turístico.

A importância do festejo também envolve questões sobre falta de segurança já contextualizadas. Como mencionado por Ana:

Eu acho que é muito útil [a festa] pra quem não sai, assim pra fora, porque tem muita violência né. E aqui todo mundo se conhece. Claro que já vem gente de fora né, mas aqui a gente já sabe quem é daqui e quem não é (ANA).

A moradora Luna destaca que os festejos são fundamentais para a comunidade:

Foi fundamental, porque teve a união das pessoas, bem dizer toda a comunidade tava envolvida, até mesmo porque as pessoas falam assim “o pessoal da união do vegetal não participam né” e a união do vegetal tava participando sim, não teve aquela coisa de “há não



porque a igreja vai fazer isso, então é da igreja”. Não, dessa vez tava todo mundo junto: igreja, comunidade, união do vegetal, tudo junto (LUNA).

Como visto na fundamentação teórica, as atividades práticas de ação são necessárias para o sentimento de pertencimento. Resultando em um festejo diferenciado, que não representa só um momento de descontração, mas que possibilita afirmações e atividades comunitárias capazes de integrar moradores isolados. Para Sanchez Vidal (1991, apud LIMA; BOMFIM, 2009) o sentimento de comunidade é essencial, pois sem ele a comunidade se desintegra e gera vários resultados negativos, como anomia e isolamento.

Desse modo, compreendemos até o momento como a comunidade se organiza em suas redes comunitárias, o que significa o festejo e a importância dele para o movimento de superação diante do contexto de submissão que os moradores se encontram. A partir disto, podemos explorar sobre um mecanismo que tentamos utilizar nas entrevistas: as fotografias.

9.1.5 Registros fotográficos e imaginação de cena marcante dos festejos

Esta pesquisa propôs o levantamento dos registros fotográficos ou imaginação de cena que mais marcou os moradores nos festejos da comunidade. Isto porque, a fotografia traz a memória, por meio de um trajeto para o passado que possibilita a reconstrução no presente (BARROS, 1989).

Nas entrevistas com a moradores, pedimos que nos mostrassem fotografias dos festejos que aconteceram. A comunitária Maria apresentou fotografias de dois festejos: o arraial e o festejo das crianças. Quando questionada sobre o sentimento ao apreciar a foto do arraial da comunidade, Maria afirma:

Eu sinto muita alegria, porque a gente percebe... Porque se você pegar a foto de 2013 pra 2014 e de 2015, você sente a diferença né... Porque mais gente, mais barraca, todo mundo satisfeito. Então assim o que eu sinto é que a gente é... É uma satisfação muito grande de tá ali (MARIA).

Maria aponta a satisfação e a alegria como principais sentimentos ao recordar os festejos por meio do estímulo fotográfico, e ainda acrescenta: “eu me sinto tão feliz. Meu pensamento é poder fazer muito mais, vontade de fazer muito mais e eu vou fazer”. A fotografia tem o papel determinante na rememoração e redescoberta de fatos, haja vista que permite que as sensações vividas e os sentimentos esquecidos venham à tona (FELIZARDO; SAMAIN, 2007).

A moradora Luna ao observar uma fotografia aponta que:

Aqui a gente viu assim que os moradores antigos estavam e os novos moradores estavam também, então tava um conversando com o outro, conversavam, outro vinha e conversava, então teve um entendimento ali, teve uma conversa mesmo que fosse rápida (LUNA).



De acordo com Pinheiro (2009) estas fotografias, por meio das lembranças, servem para guardar e reavivar tempos de memória e lugares, assim como registrar a memória de um tempo. Inferimos que estes festejos marcaram os lugares de união dos comunitários, assim como os sentimentos de pertencimento e os laços foram fortalecidos nestes eventos sociais.

A entrevistada Ana não possuía nenhuma fotografia disponível para nos apresentar. Pedimos para que utilizasse a imaginação para relembrar uma cena marcante de algum festejo. Sendo assim, Ana nos contou que:

Lembro do dia das crianças que teve muito brinquedo. O das mães também, foi muito boa, a gente pedia e não saía ninguém sem algo da festa. Nos sentimentos é tudo de bom. Vê uma mesa assim, cheia de sabonete que o Carlos fez. Porque o pessoal quer ganhar né, não importa o que é. Brinquedo, aquela mesa cheia de brinquedo, de fruta, de tudo. E meu sentimento mais é de que era de saber que... Era nós que fizemos aquilo tudo (ANA).

A moradora Bia também não possuía fotografias, porém recordou que,

Lembro de todo mundo numa roda. Ai tinham algumas assim em pé. Lembro da mamãe do meu lado. A mamãe, a vovó, a dona Patrícia. Que eu lembro muito é disso. Assim né, um monte de gente lá olhando, tinha um som ao vivo, as barracas com o pessoal tudo animado. A comunidade toda, foi muito bom naquele dia (BIA).

A memória é ressentida e moldada pelos sentimentos a partir do ato de recordar de cada indivíduo (PINHEIRO, 2009). Deste modo, inferimos que ao trazer estas fotografias e as imaginações de cenas marcantes dos festejos foi fundamental para a evocação dos sentimentos velados e do significado e importância destes festejos. De modo que o ato de recordar por meio destes instrumentos reafirmou o que esta pesquisa pressupôs.

10. Conclusões

Esta pesquisa buscou resgatar quais os festejos já aconteceram e os seus significados, a fim de investigar como estes acontecimentos influenciaram no fortalecimento da comunidade. A partir dos relatos dos moradores, notamos que os festejos têm um grande impacto nos processos de participação e mobilização e que podem ser promotores de movimentos de libertação na comunidade.

Verificamos, por meio de entrevistas, que os festejos mais lembrados foram marcados por ações conjuntas e solidárias entre os moradores que organizaram os festejos. Estes vão desde contribuir com dinheiro, ornamentação, comida, presentes, até convidar de porta em porta os moradores.

Neste aspecto, os moradores compartilham objetivos em comum e expectativas. Enfrentam juntos as dificuldades, como por exemplo os problemas técnicos e falta de patrocínio relatados nas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

RELATÓRIO FINAL PIBIC/PAIC 2015-2016



UFAM

entrevistas. Por outro lado, encontram soluções de enfrentamento juntos. Temos, então, a ideia de que os festejos são uma forma de colaboração mútua, no qual a comunidade Parque Riachuelo I se destacou por sua atividade comunitária, cheia de significados velados, que precisam vir à tona para que muitos comunitários compreendam que o festejo pode ser um viés transformador da realidade.

Nas entrevistas, os comunitários relataram de diversas maneiras a respeito da desunião e da desesperança que muitos se encontram na comunidade, isto porque predomina um clima de desconfiança acerca dos representantes da associação dos moradores, assim como um sentimento de abandono pelo próprio poder público. Nestas condições, dá-se a importância dos festejos, os moradores entrevistados, em sua grande maioria, referiram-se sobre o festejo como um método para unir os moradores em um evento social e de lazer.

Diante disto, o festejo torna-se incontestável para a união dos comunitários que perderam seus laços comunitários e que não possuem equipamento de lazer, sendo este o único evento que possibilita o lazer entre os moradores. O festejo é a reunião, é o momento em que estes moradores se divertem, conhecem novos moradores, discutem sobre assuntos comunitários, incluindo lutas políticas. É o local onde há trocas culturais, discussões ideológicas e se tem abertura para o surgimento de novos atores sociais, capazes de mobilizar a comunidade para outras problemáticas.

Em destaque, estas manifestações artístico-culturais são importantes para agregar, unir e solidificar o estreitamento de laços comunitários, de modo que se torna visível o impacto na vida destes comunitários em seus relatos. Principalmente nas questões referentes ao sentimento de pertença e ao sentimento de valorização, quando mães e crianças recebem brindes, são lembradas e homenageadas em festejos, por exemplo. Dessa forma, podemos inferir que os comunitários se identificam e se sentem comprometidos com as manifestações artístico-culturais, facilitando a participação e presença dos mesmos nos festejos.

Uma característica marcante verificada a partir dos entrevistados, foi a forte relação entre o engajamento comunitário e as relações de parentesco, os laços familiares. Nos discursos dos moradores entrevistados, vimos que grande parte dos organizadores e participantes ativos dos festejos tem relação de parentesco.

Isto nos levou ao questionamento e a busca de referências em psicologia comunitária que contemplassem estes aspectos da influência familiar nas questões de engajamento e mobilização comunitária. Constatamos a ausência de conteúdos e pesquisas voltadas para este assunto, ou seja, não há pesquisas mostrando como que dentro de uma família existem influências para a participação em atividades comunitárias, especialmente de cunho político. Abrimos, então, o questionamento para futuras pesquisas: como a relação familiar influencia os conceitos da psicologia comunitária?



Igualmente, levantamos a escassa produção científica acerca dos festejos e psicologia, como identificamos na fundamentação teórica. Coube a esta pesquisa demonstrar que estas manifestações artístico-culturais são essenciais para o desenvolvimento de um trabalho comunitário, haja visto que, com base em nossos resultados, os festejos são mediadores na construção comunitária e por assim dizer, são um meio de fortalecimento dos laços na comunidade. Deste modo, concluímos que o resgate das atividades artístico-culturais possibilitou a compreensão de que os festejos são importantes ferramentas estratégicas para o processo de fortalecimento dos laços comunitários, consciência e autonomia desta comunidade.

11. Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BARROS, M. M. L. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.29-42, 1989.
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p.7-18, 2008.
- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, São Paulo, vol. 4, n. 1/2, p.277-284, 1993.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Atelie Editorial, 2003.
- BUENO, M. S. Lazer, festa e festejar. *CULTUR*, ano 02, n. 02, p.47-59, 2008.
- CALEGARE, M. G. A. et al. *Participação e conscientização dos moradores no Parque Riachuelo I*. Relatório técnico. Manaus: UFAM, 2015.
- CÂMARA, S.G. Compromisso, participação, poder e fortalecimento comunitário: à procura de um lugar no mundo. In: DIMENSTAIN, M. *Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos*. Natal: EDUFRN, 2008.
- CAMPOS, R. H. F (Org.). *Psicologia Social Comunitária – Da solidariedade à autonomia*. São Paulo: Editora Vozes, 1996.
- CARVALHO, M. A. A. S.; XIMENES, V. M.; BOSI, M. L. M. Processos de fortalecimento em um Movimento Comunitário de Saúde Mental no Nordeste do Brasil: novos espaços para a loucura. *Aletheia*, n.37, p.162-176, 2012.



- CRUZ, L. R. et al. Breve história e alguns desafios da psicologia social comunitária. In: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (Orgs.). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2010.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17, n. 36, 2007
- FELIPE, J. L. A. Festa e poder político. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p.43-52, 2008.
- FELIZARDO, A.; SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. *Londrina*, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GÓIS, C. W. L. *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Edições UFC, 1993.
- GOMES, A. M. A. G. *Psicologia Comunitária: Uma abordagem Conceitual*. São Paulo, 1999
- GRANDESSO, M.; BARRETO, M. R. *Terapia comunitária: tecendo redes para a transformação social*. São Paulo, 2007.
- GUARESCHI, P. A. *Psicologia Social Crítica – como prática de libertação*. Porto Alegre: Edipurcs, 2005.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (orgs). *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 2001. Vol. II.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 1990.
- HELLER, A. *Crítica de la Ilustración*. Barcelona: Ediciones Península, 1984.
- JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. *Psicologia Social*. Barcelona: Paidós, 1985. p.469-494.
- JÚNIOR, F. G. R.; XIMENES, V. M. Psicologia comunitária e psicologia histórico-cultural: análise e vivência da atividade comunitária pelo método dialógico-vivencial. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 5, n. 3, 2010, p. 151-162.
- LANE, S. T. M. Histórico fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In: CAMPOS, R. H. de F. *Psicologia comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LANE, S. T. M. O Processo GRUPAL. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- LEFEBVRE, H. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEONEL, G. G. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 11, nº



UFAM

15, 2º sem., p. 35-57, 2010.

- LIMA, D, M. A.; BOMFIM, Z. A. C. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 491-497, 2009.
- MARTIN-BARÓ, I. Para uma Psicologia da Libertação. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (orgs.). *Psicologia Social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação*. Campinas, SP: Alínea editora, 2011. p.181-197.
- MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 33.ed, Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.
- MONTERO, M. *Teoría e práctica de la psicología comunitaria: la tensión entre comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- MONTERO, M. Construcción, desconstrucción y crítica: teoria y sentido de la psicología social comunitária en America Latina. In: CAMPOS, R. H. F.; GUARESCHI, P. A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 70-87.
- MONTERO, M.; SONN, C. *Psychology of liberation: theory and applications*. New York: Springer, 2004c.
- MORAES, N. A. Memória e Mundialização: Algumas considerações. In: LEMOS, M.T.T.B; MORAES, N. A. (orgs.). *Memória, Identidade e Representação*. Rio de Janeiro: Letras, 2000.
- MORIGI, J. V.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Memória, representações sociais e cultura imaterial. *Revista eletrônica em Ciências Humanas*, Ano 09, nº 14, p.182-191, 2012. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/>> Acesso em: 22/07/2016.
- MOURA JR., J. F. et al. Práxis em psicologia comunitária: festa de São João como atividade comunitária. *Rev. Ciênc. Ext.* v.9, n.1, p.105-123, 2013.
- OLIVEIRA, P. S. *Introdução à sociologia*. 24ª ed. São Paulo: Editora ATICA, 2001.
- PINHEIRO, G. F. O. Memórias e Fotografias: entre lembranças e reminiscências do passado vivido. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Fortaleza, 2009.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (Orgs.). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2010.
- SPINK, M.J. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.300-308, Set., 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em: 10/01/2016.

